



V CONGRESO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EN INTERNET

SOCIEDAD IBEROAMERICANA DE ACADÉMICOS, INVESTIGADORES Y PROFESIONALES DEL PERIODISMO EN INTERNET – AIAPI

FACULTAD DE COMUNICACIÓN - UNIVERSIDAD FEDERAL DE BAHÍA
24 Y 25 DE NOVIEMBRE DE 2004
SALVADOR – BAHÍA – BRASIL

O ENSINO DO JORNALISMO ONLINE

António Fidalgo, Universidade da Beira Interior

Teoria e Prática

O ensino do jornalismo é um ensino teórico e prático, tal como o ensino de certas profissões para as quais se exige uma formação académica superior, como sejam engenharia ou medicina. Não basta saber, é preciso também saber fazer.

Seguindo a distinção clássica entre saber teórico e saber prático, o saber teórico é aquele que se ambiciona pelo puro desejo de conhecer ao passo que o saber prático é aquele que se procura a fim de alcançar determinados objectivos. O ensino teórico e prático é o que conjuga a ciência com a técnica para melhor descobrir, produzir e aplicar processos e objectos que potenciem as capacidades humanas e, em última instância, tornem a vida humana mais agradável. É devido à sua faceta profissionalizante que os cursos de jornalismo são mais afins aos cursos de engenharia e de saúde que aos cursos de ciências sociais e de humanidades, com que têm grande afinidade epistemológica, mas que, além do ensino, não têm saídas profissionais específicas. Muito justamente e bem, o Ministério português da ensino superior sempre considerou o aspecto profissionalizante, com as consequentes necessidades laboratoriais e de trabalho de atelier, para efeitos de contabilização do *ratio* de alunos/professor dos cursos de Ciências da Comunicação, que é igual ao das Engenharias (14 alunos para 1 docente, ao passo que nas humanidades e nas ciências sociais chega a ser de 20 alunos para 1 docente).

A relação entre a componente teórica e a prática num curso profissionalizante como os referidos não é fácil e está sujeita sempre a certa tensão. Geralmente, os estudantes procuram sempre o lado prático e imediato do saber, ao passo que os docentes favorecem o ensino teórico. Dado que os cursos universitários profissionalizantes das engenharias e da saúde têm já uma larga tradição curricular e existe um consenso alargado sobre as matérias científicas a incluir, não surge a acusação de serem demasiado teóricos. Ao invés, acha-se que uma excelente formação científica de base é condição necessária para uma sólida formação profissional. Infelizmente esse consenso curricular ainda não existe nas ciências da

comunicação. E até pelo contrário, por vezes, a dimensão teórico-científica é vista como uma esclerose académica, que deveria ser banida dos currículos. Ora a dignidade académica de um curso e de uma profissão está justamente na sua componente teórico-científica. É graças à dimensão científica que se adquire um conhecimento dos princípios e das causas, que se percebe porque é que as coisas são como são e como é que não o sendo necessariamente podem ser alteradas e melhoradas.

De qualquer modo não me vou alongar aqui sobre a imprescindível formação de científica de base de um jornalista, de como tem de conhecer a história da comunicação, os processos e as teorias de comunicação, a semiótica, a epistemologia, e com essas ciências obter alicerces sólidos e critérios seguros para a aprendizagem e exercício de informar em ordem a uma participação cívica de todos os elementos da sociedade.

Vou sim debruçar-me sobre o lado prático da aprendizagem do jornalismo online, de como essa aprendizagem a um nível superior não pode dispensar

O Labcom da UBI

A Universidade da Beira Interior será muito provavelmente a universidade portuguesa que mais tem investido na investigação sobre comunicação online. O Labcom é hoje mais do que uma página institucional de um centro de investigação, um portal de ciências da comunicação.

Em finais de 2004 temos sediados no Labcom os seguintes meios de formação e informação online:

A BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação www.bocc.ubi.pt

O jornal online Urbi et Orbi, www.urbi.ubi.pt,

A Recensio – Revista de Recensões de Comunicação e Cultura www.recensio.ubi.pt

A BOAL – Biblioteca Online Áudio de Literatura, www.labcom.ubi.pt/boal

A Tubi-web, televisão online, www.tubi.ubi.pt

Akademia, O Jornal Online sobre o Ensino Superior, www.akademia.ubi.pt

Agora.Net, Revista de Novos Media e Cidadania, www.labcom.ubi.pt/agoranet

Doc Online, Portal sobre o Filme Documentário, www.doc.ubi.pt

JAC, página sobre o Jornalismo Assistido por Computador, www.labcom.ubi.pt/jac

Cinubiteca, página da Sala de Cinema da UBI, www.labcom.ubi.pt/cinubiteca

Compreenderão por isso que a minha intervenção neste fórum se centre sobretudo no relato destas actividades e não numa análise em detalhe das mudanças que a Internet provocará inevitavelmente na formação académica de futuros jornalistas. Existem disponíveis na Net excelentes estudos sobre o tema, nomeadamente os publicados pelo European Journalism Center (European Journalism Training in

Transition. The inside view, organizado por Jan Bierhoff e Mogens Schmitt, e, quedando-me a um nível genérico, pouco mais saberia fazer do que parafrasear tais estudos. Prefiro, portanto, centrar-me num caso muito particular, as iniciativas acima referidas e respectiva interligação com o curso de ciências da comunicação da Universidade da Beira Interior. Talvez no fim se possa tirar uma moral da história, ou seja, surjam algumas sugestões para docentes e alunos de jornalismo aqui presentes.

BOCC e Recensio – formação a partir da Internet

Desde 2000 que temos procurado no Curso de Ciências da Comunicação na UBI rentabilizar ao máximo as possibilidades oferecidas pela Internet. A necessidade aguça o engenho, e o uso intensivo da Internet surgiu como uma forma de minimizar as dificuldades de uma universidade nova, situada no interior profundo de Portugal.

Tudo começou com a Biblioteca Online de Ciências da Comunicação em Abril/Maio de 1999. O que pretendia era reunir numa mesma página textos, artigos, teses, conferências, sobre as diferentes disciplinas das Ciências da Comunicação, do Design à Semiótica, passando pelo Jornalismo, Teorias da Comunicação, etc. Alguns desses textos já estavam online, em particular em páginas pessoais, e tratava-se de os reunir numa mesma página e ordená-los por temáticas e por ordem alfabética. A primeira versão da BOCC era completamente artesanal, isto é, todos os passos de inserção de um novo texto eram feitos à mão, inclusive a actualização do índice dos ficheiros (www.ubi.pt/~comum/welcome1.html). A BOCC só ficou a funcionar em pleno depois de a partir de Setembro de 1999, e com o apoio do Instituto de Comunicação Social, uma entidade governamental para apoio dos órgãos de comunicação social portugueses, se ter colocado, num servidor dedicado, a funcionar sobre uma base de dados, com catálogos de autores, títulos, temáticas, escolas e anos, e de inserção automática online.

A explosão dos cursos superiores de comunicação em Portugal não tiveram, nem podiam ter, um aumento correspondente na produção científica. Considerei que faria todo o sentido disponibilizar online para todos, docentes e alunos, a produção científica que já havia, e que essa seria a melhor forma de ajudar os novos cursos a ganhar consistência científica. A adesão ao início não foi fácil, havendo bastantes resistências de autores a permitirem que os seus textos ficassem disponíveis na Net, submetidos à técnica do *copy and paste*. Ainda há quem pense que um artigo científico tem necessariamente de aparecer numa revista erudita, normalmente cara e que acabam por adormecer meio ignoradas em estantes de bibliotecas universitárias.

Penso que a BOCC é uma maneira fácil, simples e barata de publicar na verdadeira acepção do termo, de tornar acessível a todos os interessados textos de cariz científico e académico. Com certeza, alunos e docentes em Portugal e no Brasil beneficiaram e beneficiam com a publicação online de artigos, teses de mestrado e de doutoramento, e sebatas de outros docentes. Por vezes recebo e-mails de alunos a solicitarem-me ajuda para a elaboração de um trabalho académico através da indicação de textos

existentes na BOCC. A formação académica prende-se hoje incontornavelmente com a Internet enquanto fonte de informação e local de explicação (à frente direi mais sobre a explicação na Internet) e a BOCC não é mais do que a utilização de um formato tradicional de transmissão de conhecimentos (a biblioteca) aplicado ao novo meio.

Hoje a BOCC é indiscutivelmente uma das maiores bibliotecas temáticas online, não só em Portugal, mas mesmo no espaço lusófono, e seguramente a maior no âmbito das ciências da comunicação.

Com altos e baixos continuamos a construir a *Recensio – Revista de Recensões de Comunicação e Cultura*, que é uma revista online suportada por uma base de dados que pretende registar, referenciar e recensear publicações, online e impressas, atinentes às diferentes áreas das ciências da comunicação. Por título, autor, temática, editora, colecção, tipo de texto (livro, artigo, texto online, tese académica) poder-se-á pesquisar a base de dados e obter informações sobre os textos, e, no caso da referência a textos online, aceder aos próprios textos. Embora já contando com cerca de 1000 referências, estamos no começo e o objectivo primeiro é fazer um registo completo de todos os textos publicados em Portugal no âmbito das ciências da comunicação. Por outro lado, pretende-se registar e recensear as obras científicas clássicas que marcaram a evolução do campo científico e também dar conta das investigações científicas de ponta, nacionais e estrangeiras. Julgo que as vantagens desta revista são óbvias. Com uma simples consulta docentes e alunos saberão o que existe publicado, em que área, de que autor, qual a abordagem feita, onde se encontra, e como aceder a essas publicações.

Obviamente para que o objectivo seja alcançado é fundamental a participação da comunidade académica nesta tarefa ciclópica. Infelizmente a adesão dos académicos portugueses a esta ferramenta tem sido diminuta. Oxalá que a Recensio possa vir a merecer dos pesquisadores brasileiros a atenção que lhes suscitou a BOCC e assim dar-lhe a chama que lhe falta.

Provavelmente a melhor maneira de formar jornalistas para a era da Internet é utilizar desde logo esta na sua formação. Num momento em que tanto se fala em e-learning nada melhor do que utilizar as potencialidades oferecidas pelo novo meio na prática lectiva de quem ensina e aprende as melhores formas de comunicação. Disponibilizar um texto na Internet é publicá-lo urbi et orbi, facultá-lo sem limites de espaço e tempo aos próprios alunos e a outros. Os visitantes da BOCC vêm de todo o mundo, do Brasil a Moçambique, passando pelos países de língua espanhola (México, Argentina, etc.) Pode haver dúvidas sobre o e-learning puro, isto é, sobre uma aprendizagem em que não há contactos pessoais, onde toda a comunicação é feita online, mas não pode haver dúvidas que mais e mais professores e alunos das universidades tradicionais terão de recorrer à Internet como meio privilegiado de disponibilizar informação.

Experimentar na Internet

O jornal online Urbi et Orbi apareceu em 31 de Janeiro de 2000 (número 0). Desde aí tem tido uma nova edição todas as terças feiras, período de férias incluído. O jornal tem como subdirector o docente que lecciona o atelier de jornalismo no 2º semestre do 4º e último ano do curso e o grande objectivo era, além de ser um órgão de informação e de discussão dentro da universidade, servir de ferramenta aos alunos do atelier de jornalismo. A experiência excedeu todas as expectativas, graças sobretudo à subdirectora, docente do atelier Anabela Gradim, com uma larguíssima experiência na imprensa, e à primeira chefe de redacção, uma recém-licenciada, Catarina Moura. Para os alunos do Atelier a Dra. Anabela Gradim escreveu um *Manual de Jornalismo*, texto que se encontra on-line na Bocc, e veio a lume, em forma de livro, na Colecção Estudos em Comunicação, nº 7, série editada pela UBI. O jornal obrigou os alunos a trabalhar em circunstâncias reais, a viver o atelier como uma redacção de um qualquer jornal, a entregar os textos a tempo e horas, e a preparar o número seguinte. O que a experiência real representou para os alunos é revelada em alguns testemunhos destes feitos aquando da celebração do 1º aniversário do jornal, no nº especial 53.

Em Outubro de 2003 surgiu pela primeira vez a versão impressa do Urbi. A versão impressa, que se encontra também disponível online em formato pdf, é mensal e limita-se a fazer a síntese mensal das notícias dos quatro números anteriores do Urbi online. Temos aqui um caso em que foi o sucesso do online a promover um jornal tradicional. A versão impressa é distribuída gratuitamente pela universidade e é distribuída também como suplemento de um jornal regional.

Depois da primeira chefe de redacção já tivemos mais cinco chefes de redacção www.labcom.ubi.pt/cinubiteca, sempre um recém licenciado que terminou o ramo de Jornalismo do Curso de Ciências da Comunicação da UBI (cada um por um período de 10 meses a um 1 ano). Entretanto conseguimos criar uma rotina que coloca sem grandes sobressaltos o jornal online todas as segundas feiras à noite, por vezes, a altas horas da manhã de 3ª feira.

Investigar e aprender novas formas de jornalismo – a Tubi-web e a Rubi-web

A partir da Tubi, da televisão universitária da Beira Interior, que consiste em emissões semanais de notícias feitas no circuito interno de televisão analógica na UBI, iniciativa do actual docente do Atelier de Jornalismo, Dr. João Canavilhas, encetámos decididamente o trilho da fazer televisão para a web. No âmbito do projecto Akademia foi desenvolvido um motor, sobre base de dados, para colocar on-line as peças de vídeo. O projecto de Jornalismo Assistido por Computador consiste em a partir de qualquer computador em rede, mediante um browser, inserir on-line as notícias da tubi-web.

Para o efeito apostou-se forte na tecnologia digital. Os alunos do Atelier de Jornalismo trabalham neste momento quase exclusivamente com equipamento digital, na produção, câmaras, e edição, computadores. O mesmo se passa com o Urbi, em que as fotografias são feitas por câmaras digitais.

Trabalhando com os vários órgãos, o jornal, a televisão on-line e a rádio, o Urbi, a Tubi-web, e a Rubi-web, tentamos neste momento fazer a convergência. Foi assim que já colocámos ficheiros de som, em formato mp3, e de vídeo, em formato quicktime, no jornal. O rumo que seguimos vai no sentido de mais e mais juntarmos, texto, som e imagem em movimento, nas ferramentas em que os alunos praticam jornalismo no atelier.

Algumas lições aprendidas ou moral da história

A primeira lição que se pode tirar desta experiência é a de que não foi necessário alterar a estrutura curricular de um curso de ciências da comunicação do curso para utilizar as novas potencialidades da Internet no âmbito do ensino e da aprendizagem. Os conteúdos lectivos mantiveram-se, e o que o novo meio veio fazer foi, por um lado, facultar um maior e melhor acesso dos alunos a textos das áreas científicas integrantes do curriculum (Bocc e Recensio) e, por outro, permitir (através do fórum online) um melhor acompanhamento da matéria leccionada, por parte dos alunos, e do modo como estes estão a assimilar a matéria, por parte do docente. A este nível as vantagens da Internet para um curso de comunicação serão as mesmas que para qualquer outro curso.

A segunda lição é que os novos meios de comunicação permitem de uma forma fácil, e barata, dotar os cursos de instrumentos para reforçar a sua formação tradicional. Antes do jornal on-line Urbi et Orbi o Atelier de Jornalismo já funcionava, com os alunos a escreverem notícias, a porem em prática técnicas de redacção e tudo o mais que aprenderam ao longo do curso, e até a publicarem de vez em quando um suplemento impresso num órgão de comunicação regional. Mas o jornal on-line veio situar o mesmíssimo atelier em condições reais. A notícia que o aluno agora escreve deixou de ser um mero exercício escolar para passar a ser uma notícia a publicar urbi et orbi, ou seja numa primeira experiência profissional. Além de escrever uma peça sobre a universidade, por exemplo, o aluno-jornalista tem de se confrontar com a realidade de um Director e de um Subdirector do jornal que podem cortar a notícia, não por a acharem mal escrita, caso em que a criticam, devolvem ou corrigem, mas por não ser publicável, seja por razões internas ou externas à universidade. Os números do Urbi et Orbi em arquivo são um repositório de uma aprendizagem de jovens jornalistas.

A Internet possibilitou a criação de um jornal do curso. Sem a Internet não haveria a mínima hipótese de mantermos um jornal, de pagar a publicação e a distribuição respectivas.

Aliás diga-se que as tecnologias do digital e do online vêm embaratecer enormemente os custos de equipamento e utilização. As máquinas fotográficas digitais que utilizamos apenas tiveram o custo de compra, não há rolos nem revelações a pagar. Uma mesa de edição vídeo, que dantes, na época do analógico, ou era barata, SVHS, mas sem qualidade de broadcasting, ou então de qualidade, Betacam, mas cara, vê-se na época do digital substituída por um computador, cujo preço baixa constantemente.

A lição que daqui se segue, a terceira, é que no trabalho com os novos meios de comunicação os alunos precisam da mesma preparação teórica que os meios tradicionais exigiam e exigem. Em contacto intensivo com as técnicas os alunos dão-se conta de que estas se aprendem num relativo espaço de tempo, mas que o difícil é a componente intelectual, criativa. É neste momento que retornam à componente teórica do curso e, talvez pela primeira vez, a encaram como um elemento imprescindível na sua formação, como iluminadora do que é prático, apercebendo-se que qualquer prática assenta numa teoria.

Jan Bierhoff e Mogens Schmitt enunciam no já citado estudo sobre o ensino do jornalismo em transição a alternativa que se coloca hoje às universidades em que se ensina jornalismo: ou se continua a reproduzir o jornalismo clássico, o jornalismo enformado por um paradigma comunicacional centrífugo, de um centro pequeno para uma larga periferia, ou se estimula um ensino voltado sobretudo para a experimentação e exploração das novas tecnologias, caracterizadas por um paradigma de interactividade e reciprocidade. Em minha opinião, a alternativa não deverá conduzir a posições radicais: nem manter tudo na mesma, porque a Internet apenas significaria mais do mesmo; nem tudo alterar, porque a Internet viria revolucionar radicalmente a maneira de informar. Para fazer o novo jornalismo, possibilitado pela Internet, é preciso conhecer e dominar princípios, regras e práticas do velho jornalismo.

A minha posição de professor e de investigador é de que a melhor maneira de aproveitar as tremendas possibilidades abertas pelo novo meio é alicerçar o gosto pela experimentação no repositório de um sólido saber já constituído, nomeadamente cultural e humanístico. De contrário, a Internet será um brinquedo.

É certo que a Internet induz incontornavelmente a novas formas de jornalismo. Mas criar ou experimentar essas formas não é fazê-lo à toa, como se o futuro nada tivesse a ver com o passado. A maneira mais simples até de se familiarizar com o novo meio é transpor para ele as formas tradicionais e depois, e só depois, começar a experimentar.